LAMPEJO

ROUSSEAU E A "REVOLUÇÃO" NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

ROUSSEAU AND THE "REVOLUTION" IN EDUCATION

José João Neves Barbosa Vicente[1]

resumo

Rousseau é um pensador que, como já foi dito várias vezes, contribuiu consideravelmente para a compreensão de diversos temas e assuntos imprescindíveis para os seres humanos e, entre esses temas, está a educação. Neste artigo, o objetivo é apresentar um breve resumo da sua visão da educação, principalmente no que diz respeito à educação da criança e destacar o seu caráter "revolucionário" a partir de alguns estudos realizados sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Criança; Rousseau; Infância; Natureza.

abstract

Rousseau is a thinker who, as has already been said several times, contributed considerably to the understanding of several themes and issues that are indispensable to human beings, and among these themes is education. In this article, the objective is to present a brief summary of his vision of education, mainly concerning the education of children, and to highlight his "revolutionary" character based on some studies carried out on the subject.

1 Professor de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: josebvicente@bol.com.br

KEYWORDS: Education; Child; Rousseau; Childhood; Nature.

As ideias educativas de Rousseau ocupam lugar de destaque na história do pensamento ocidental e, de um modo geral, sempre se recorre a elas quando se pretende estudar, debater ou refletir sobre o processo educativo. Na história do pensamento ocidental, Rousseau ocupa lugar de destaque pela sua ampla colaboração para a compreensão de diversos temas ou assuntos importantes e imprescindíveis, entre eles, o da educação. Admirador das ideias educativas de Platão, certa vez, disse que o diálogo *A república* "é o mais belo tratado de educação que jamais se escreveu" (ROUSSEAU, 1995, p.14). Na verdade, Rousseau não admirava apenas as ideias educativas de Platão, mas sim o pensamento desse filósofo como um todo, ele era um "platônico" como poucos; um dos "maiores e mais consistentes" de toda a "era moderna" (WILLIAMS, 2007, p.88-94). Talvez essa admiração que nutria pelas ideias de Platão, principalmente aquelas sobre a educação, foi uma das motivações para que ele pensasse a atividade educativa de modo tão profundo e radical como fez o filósofo grego em sua época; como se sabe, o que Platão escreveu sobre a educação em seu diálogo A república (2001) representa, como já foi dito certa vez, a primeira proposta radical "de reforma educativa" que mirava não apenas as questões de ensino e aprendizagem no espaço escolar, mas sim a "sociedade no seu todo" (PAPPAS, 1996, p.27; 84). Apesar dessas breves referências à admiração de Rousseau pelas ideias de Platão, este artigo não pretende realizar um estudo comparativo entre as ideias educativas desses dois pensadores e nem analisar o pensamento do filósofo grego a respeito da educação; o objetivo aqui é simplesmente fazer um pequeno estudo introdutório do pensamento educativo de Rousseau, a partir da sua obra *Emílio* (1995) e destacar seu caráter "revolucionário", com base nos trabalhos de alguns estudiosos do seu pensamento.

Refletir sobre o pensamento educativo de Rousseau a partir da sua obra *Emílio*, significa refletir sobre a educação a partir "do melhor e do mais importante" dos seus "escritos" (ROUSSEAU, 1964, p.553). Além disso, *Emílio*, como já foi registrada certa vez, é uma obra considerada também por alguns pensadores, especialmente Kant, como "um dos mais importantes trabalhos filosóficos jamais escritos" (SIMPSON, 2009, p.147). Essas observações ajudam o leitor a entender ou a desconfiar que o conteúdo presente nessa obra de Rousseau possui algo incomum; isto é, que aquilo que o pensador genebrino disse sobre a educação, certamente não se resume ao modo como se deve lidar com o processo educativo do indivíduo em uma sala ou no ambiente escolar e nem se trata necessariamente de uma reflexão cujo objetivo é apresentar ou debater conteúdos específicos a serem ensinados aos indivíduos; o interesse de Rousseau não se direcionava para "qualquer educação", para ele, por exemplo, ter uma sala onde professores ensinam as crianças "a ler, escrever e fazer contas não é o suficiente para que se possa chamar algo de educação" (STRECK, 2008, p.20). De um modo geral, o que Rousseau disse sobre a educação em sua obra

Emílio, estremeceu tudo o que tinha sido dito até então a respeito da atividade educativa dos indivíduos e o modo como essa atividade era executada pelos "educadores do seu tempo" que "praticavam um ensino livresco e formal, preocupados com a disciplina e a memorização de conteúdos, sem levar em consideração as especificidades da infância" (CERIZARA, 2001, p.42). As ideias educativas de Rousseau sacudiram fortemente tudo o que tinha sido estabelecido e que se praticava até então no campo da educação. Por isso, não é por acaso, portanto, que alguns estudiosos do seu pensamento, como foi observado certa vez, consideram a "sua obra" como "um dos mais importantes tesouros da pedagogia moderna" (STRECK, 2008, p.9). Na verdade, as ideias educativas de Rousseau apresentadas em sua obra *Emílio*, se tronaram praticamente um conteúdo de consulta obrigatória para todos os envolvidos com o processo educativo; assim, pode-se afirmar que o pensador genebrino "ocupa um lugar central na pedagogia moderna. Muitos dos acertos e dos erros, dos avanços e dos entraves da educação em nosso tempo confluem para ele" (STRECK, 2008, p.21). Em termos gerais, o que Rousseau disse sobre a educação, como já foi observado por alguns estudiosos do seu pensamento, foi algo "revolucionário" para a época moderna, talvez por isso *Emílio* é considerado "um livro incomum em conteúdo e formato" (SIMPSON, 2009, p.147). Ele abalou profundamente os alicerces da educação da época ao centrar-se no conhecimento da natureza dos seres humanos.

As ideias de Rousseau, portanto, não abalaram apenas a política, a moral, as ciências, as artes e a sociedade do seu tempo, elas também abalaram profundamente o entendimento da época sobre a educação dos indivíduos; para ele, a educação precisa tratar e respeitar cada indivíduo como um ser livre e se esforçar incessantemente para que ele permaneça sempre livre. Para o pensador genebrino, a educação não se resume a um processo cujo objetivo é integrar o indivíduo na vida social de uma determinada sociedade e nem introduzi-lo em uma cultura ou tradição intelectual específica; Rousseau pensa uma educação autêntica distante da ideia tradicional preocupada com a questão ensino/aprendizagem. Para ele, a atividade educativa precisa estar efetivamente comprometida em preservar cada indivíduo como ele é; em outras palavras, a educação não pode, em hipótese alguma, deformar ou fragmentar a natureza dos indivíduos (VICENTE, 2013; 2016). Ele pensa uma educação que preserve cada ser humano tal como ele é; essa preocupação de Rousseau com a preservação dos seres humanos está firmemente alicerçada não apenas em sua convicção de que não somos seres maus por natureza, mas também de que somos capazes de causar danos aos nossos semelhantes, seja diretamente ou por meio das nossas instituições, afinal, para ele, "tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos dos homens" (ROUSSEAU, 1995, p.9). Essa afirmação de Rousseau, como observaram alguns estudiosos do seu pensamento, possui um certo "valor metodológico": ela não significa, por exemplo, que é preciso "deixar desenvolver a natureza humana numa espécie de vazio educativo para obter os melhores resultados", mas sim que cada um assuma a "culpa dos fracassos educativos" e tome consciência da grande

responsabilidade que pesa "sobre a educação e sobre todos aqueles que para ela contribuem" (ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1957, p.474-475). Essa forma de educação como pensada por Rousseau que, em essência, deixa intacta a natureza dos indivíduos e preserva a sua bondade natural, exige apenas que o educador seja capaz de observar "a natureza" e seguir "o caminho" indicado por ela; de acordo com o pensador genebrino, a natureza "exercita continuamente as crianças" e fortalece "seu temperamento mediante experiências de toda espécie" (ROUSSEAU, 1995, p.22). Assim, se o objetivo é proporcioná-las uma verdadeira educação capaz de preservá-las como seres humanos bons e felizes, a atividade educativa precisa estar sintonizada ou em harmonia com a "natureza". Nesse caso, o papel do educador consiste em não atrapalhar a natureza e abrir caminho para que a criança seja ela mesma; ou seja, se ele tem que fazer algo, que seja no sentido de "impedir que nada seja feito" (ROUSSEAU, 1995, p.15). De acordo com Rousseau, essa educação que preserva a bondade natural de cada indivíduo e contribui para que cada um possa ser "tudo" para ele mesmo, sem qualquer fragmentação ou alteração em sua natureza e capaz de se relacionar "consigo mesmo ou com seu semelhante", deve ser inicialmente "puramente negativa", isto é, preocupada "não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro" (ROUSSEAU, 1995, p.13, 80). Para Rousseau o educador precisa acreditar no desenvolvimento livre de seus educandos e agir para não inibi-los, forçá-los ou moldá-los. Apenas dessa forma, no tempo certo, o indivíduo se abrirá "para razão" sem qualquer influência, vício ou ideias preconcebidas e se tornará um ser humano sensato; esse tipo de educação contribui para que o indivíduo possa viver livre das influências dos males da sociedade.

Portanto, foram basicamente com essas ideias não centradas nos conteúdos livrescos, afastadas de todo e qualquer tipo de autoritarismo e com respeito total ao indivíduo como um todo que Rousseau se tornou uma referência em matéria de educação; preocupado com a preservação da liberdade e da bondade natural de cada indivíduo e empenhado para que cada um possa permanecer como ele é, Rousseau pensou um tipo de educação autêntico e totalmente distinto do modo como pensava seus contemporâneos. O foco do seu pensamento educativo encontra-se totalmente voltado para uma formação humana cujo objetivo primordial é afastar o indivíduo de todo tipo de influência (inclusive do seu educador) e impedi-lo de seguir a opinião do outro ou submeter-se à vontade de alguém (VICENTE, 2016a). Suas ideias educativas cujo conteúdo era praticamente desconhecido até então, representam uma crítica radical ao modelo de educação vigente em sua época que, ao seu modo de ver, não dava a devida atenção à criança e às suas manifestações; além disso, o compromisso fundamental desse modelo de educação era com a transmissão de conteúdos especifico e previamente selecionados pelo educador ou pela instituição que ele representa. A visão do pensador genebrino sobre a educação representa uma verdadeira revolução, com foco na "criança" e não "na reclassificação do saber e na sua transmissão à criança como um todo já pronto" (MANACORDA, 2010, p. 295). Para Rousseau,

a educação não é e nem deve ser visto, entendida ou praticada como uma atividade cujo objetivo é unicamente ensinar um determinado conteúdo ou saber previamente selecionado; "a educação deve aspirar não só a instilar o saber, mas a formar o coração, o espírito e a capacidade de julgamento". Para que isso possa acontecer efetivamente, a atividade educativa não pode "controlar, dirigir, admoestar ou forçar a criança a todo instante"; todo o educador precisa entender e respeitar a criança como tal e estar sempre ciente da existência de "um curso naturalmente saudável e ordenado no desenvolvimento" do seu "corpo, raciocínio e sentimentos". Esse "curso" não deve sofrer nenhuma alteração por parte dos educadores, todos precisam colaborar para que ele ocorra de modo integral e "em seu modo e tempo adequados"; agindo assim, a criança apreende sem qualquer pressão, isto é, como se estivesse divertindo "e que está sendo ajudada a fazer o que seus poderes e inclinações nascentes a teriam, de qualquer modo, estimulado" (DENT,1996, p.116-117). De um modo geral, de acordo com a perspectiva rousseauniana, educar é não interferir ou alterar, em hipótese alguma, o curso natural do desenvolvimento da criança.

Não interferir, no entanto, não significa ignorar a existência da criança e nem "deixar" que ela crie "mofo no ócio", o que Rousseau exige é que a criança não seja perturbada, em hipótese alguma, ao longo da sua caminhada educativa e, principalmente, que ninguém tente acelerar ou "apressar" o seu "processo natural de maturação e de atividades espontâneas"; para o pensador genebrino, esse "processo" deve ser "respeitado com religiosa atenção" (ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1957, p.474). Essa visão de educação como descrita por Rousseau no *Emílio*, não se realiza, portanto, por meio de um processo educativo centralizado unicamente nos conteúdos presentes em livros e nem em um ambiente escolar onde se cultiva a ideia de "autoridade" do educador em relação ao educando; na verdade, Rousseau, de um modo geral, é um crítico de "toda a forma de educação fundada sobre o princípio de uma autoridade que submeta a vontade da criança à de seu mestre" (SOËTARD, 2010, p.16). Ele também, como já foi mencionado, é um crítico da prática educativa alicerçada unicamente no "ensino livresco" como faziam, por exemplo, "os educadores" da sua época. Rousseau pensa uma forma de educação que conduz o indivíduo a um desenvolvimento natural, sem sofrer qualquer tipo de influência, inclusive do seu educador; para ele, a educação deve preservar o indivíduo como ele é. Assim, de acordo com suas ideias educativas, "a arte do pedagogo consiste em atuar de maneira tal que sua vontade não substitua jamais a vontade da criança (SOËTARD, 2010, p. 17). Portanto, a preservação da criança sem que ela sofra influência das vontades dos educadores é fundamental no processo educativo como pensado por Rousseau em sua obra *Emílio*; ela precisa ser respeitada, vista e entendida como criança que ela é, a vontade do educador não pode ser o seu guia, ela precisa seguir seu processo de desenvolvimento de forma natural. De acordo com a teoria educativa de Rousseau, o ensino de um mestre "consiste, sobretudo, em propor as questões certas aos educandos e colocar ao seu alcance os meios para aprender" (STRECK, 2008, p.72). Para o pensador genebrino, quanto menos influência do educador sobre o educando, melhor e mais

efetivo é a educação.

Como já foi mencionado anteriormente, o pensamento educativo de Rousseau presente em sua obra *Emílio*, não se preocupa em descrever um processo educativo eficiente, capaz de proporciona aos educandos uma maior captação dos conteúdos ministrados pelos seus educadores; o esforço do pensador genebrino está voltado para uma educação diferente daquela que gira em torno do ato de ensinar este ou aquele conteúdo especifico, suas ideias educativas apontam para uma formação humana capaz de afastar os indivíduos de todo e qualquer tipo de influência que possa corrompê-lo. Foi, portanto, com essas ideias que Rousseau deixou sua marca de modo profundo na "história da pedagogia"; foram também essas ideias que, de um modo geral, estimularam e influenciaram grandes mentes que, de um modo ou de outro, se preocuparam posteriormente com as questões educativas, no sentido de debatê-las e melhorá-las; como foi observado certa vez, depois de Rousseau, "a educação nunca mais foi a mesma", além disso, seu pensamento pedagógico serviu de inspiração para "educadores" importantes como "Pestalozzi, Herbart e Froebel, além de outros, e foi nele ainda que teve origem a psicologia educacional" (NISKIER, 2001, p.133). Para o pensador genebrino, é preciso sempre proteger os indivíduos e evitar que um comande ou domine o outro, mas para que isso possa acontecer efetivamente, a educação precisa atuar de acordo com as ideias presentes no *Emílio* e não em conformidade com as práticas tradicionais. Ao longo do processo educativo é importante não inculcar no educando ideias ou sentimentos que possam levá-lo a se sentir superior ou inferior ao outro e querer usar seu semelhante como se fosse um instrumento ao seu serviço. E é importante também lembrar que as crianças, do ponto de vista da teoria educacional de Rousseau, devem sempre ser vistas e compreendidas não de acordo com as concepções "tradicionais", mas sim como "uma criatura da natureza e que age e cresce em harmonia com suas leis" (EBY, 1962, p.291). Nesse sentido, sua educação "até a idade adulta", não pode ser "considerada" de outra forma, senão como um "processo natural, não artificial e repressivo", esse tipo de educação transforma o "desenvolvimento" da criança em "algo agradável, racional e harmonioso"; com Rousseau, portanto, "o processo educativo tornou-se simples por não estar sujeito a padrões convencionais" (NISKIER, 2001, p.132). De acordo com o pensamento educativo de Rousseau, crianças são crianças e o processo educativo não pode jamais perder de vista essa verdade; assim, quem educa as crianças precisa sempre olhar para elas e entender cada uma delas como crianças que são em si mesmas, não como "crianças" produzidas ou imaginadas pela mente dos adultos. O objetivo principal das ideias pedagógicas do pensador genebrino presente em sua obra Emilio, não é outro senão "libertar as crianças da tirania das expectativas dos adultos, para que suas faculdades possam se desenvolver sem amarras, cada qual em seu devido momento" (WOKLER, 2012, p.130). Rousseau não apenas prioriza a educação das crianças, principalmente dos cinco aos doze anos, mas também defende um tipo de processo educativo capaz de conduzir cada indivíduo a alcançar a sua "autonomia".

A visão educativa do pensador genebrino, principalmente no que diz respeito à educação das crianças é, sem dúvida, algo que merece destaque e atenção especial. Antes de Rousseau, "a teoria e a prática da educação foram determinadas do ponto de vista dos interesses do adulto e da vida social adulta", isto é, ninguém antes dele pensou ou imaginou um modo diferente de se lidar com as questões educativas. O pensador genebrino foi o primeiro a atacar e a combater a teoria educativa vigente, bem como a sua prática que, para ele, tratava-se de algo não apenas falso, mas também capaz de causar danos; assim, "no lugar das ideias e opiniões do adulto, colocou as necessidades e atividades da criança e o curso natural de desenvolvimento. Nenhuma mudança poderia ter sido tão revolucionária" (EBY, 1962, p.290-291). Em outras palavras, as ideias educativas de Rousseau representam uma verdadeira revolução no campo da educação, principalmente porque até então ninguém havia pensado ou imaginado algo semelhante e tão diferente das ideias e práticas educativas vigentes. Preocupado com "a arte de formar homens, ele dedica especial atenção à infância, pois, a seu ver, com as falsas ideias que se tem dela, é impossível fazer uma boa educação" (CERIZARA, 2001, p.31). Para o pensador genebrino, uma boa educação das crianças requer uma ideia verdadeira sobre elas. Para isso, é preciso observá-las atentamente para conhecê-las; nunca é demais lembrar que "ignorantes dos verdadeiros sentimentos, pensamentos e interesses das crianças, os adultos impõem-lhes os deles" (EBY, 1962, p.293). Para Rousseau, como já foi mencionado anteriormente, crianças são crianças e precisam ser compreendidas e enxergadas como crianças que elas são; "a natureza quer que as crianças sejam crianças antes de ser homens". Assim, qualquer um que perturbe "essa ordem" da natureza contribuirá para produzir "frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e não tradarão em corromper-se"; de um modo geral, é preciso estar sempre disposto para entender que "a infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias; nada menos sensato do que querer substituí-las pelas nossas" (ROUSSEAU, 1995, p.75). O que Rousseau propõe é uma mudança radical na educação das crianças, ele quer que elas sejam educadas não a partir dos interesses dos adultos e do modo como eles vivem em sociedade, mas sim a partir das suas próprias necessidades e com total respeito ao seu desenrolamento natural; a educação baseada nos interesses dos adultos não serve para as crianças, a não ser que a intenção é prejudicá-las.

A educação das crianças deve ser simples e natural, para que o seu desenvolvimento possa ocorrer de forma prazerosa e em harmonia; assim, as ideias e interesses dos adultos precisam sempre ser afastados da educação das crianças para não influenciá-las. E aqueles que se envolvem diretamente com a educação dessas crianças, não podem deixar de se esforçar no sentido de compreendê-las efetivamente, uma das questões principais é não enxergar a criança como se ela fosse "uma miniatura de adulto, e que o crescimento em tamanho e o aumento em conhecimento são os processos de educação" (EBY, 1962, p.291). De acordo com o pensamento educativo de Rousseau, entender as crianças como adultos em miniaturas é apenas um modo

errado e absurdo; elas não são "pequenos homens e pequenas mulheres", são crianças e devem ser tratadas como crianças. Rousseau afasta a criança do ponto de vista dos adultos e exige que sua educação seja um processo capaz de colaborar para o seu desenvolvimento normal e natural. Para ele, a forma como se entendia a educação em sua época e o modo como ela era praticada, simplesmente não fazia sentido, principalmente porque consistia basicamente em um "processo pelo qual a criança deve adquirir certos hábitos habilidades, atitudes e um corpo de conhecimentos que a civilização havia conservado" (EBY, 1962, p.291). De um modo geral, o pensamento educativo de Rousseau presente em sua obra *Emílio* fez estremecer essa visão da educação. O pensador genebrino fez "da criança o novo ponto central do qual a educação deve ser encarada"; para ele, "ensinar e formar" não são formas de "inculcar ideias", elas consistem "em fornecer à criança as oportunidades para o funcionamento daquelas atividades que são naturais em cada fase" (EBY, 1962, p.291). Rousseau defende uma ideia de educação que se aproxima das ideias educativas de Sócrates e Platão; em outras palavras, assim como esses dois filósofos gregos, o pensador genebrino também defende que a educação não é uma atividade através da qual se transfere conhecimento do educador para o educando. Com foco na criança, Rousseau "revolucionou a educação de seu tempo" ao defender que, quando se trata da "infância", é preciso entender que ela não é "apenas uma via de acesso, um período de preparação para a vida adulta", a infância possui "valor em si mesma" (OLIVEIRA, 2011, p.65). A criança, para o pensador genebrino, precisa ser considerada como um ser que possui ideias próprias, ela não é um homem ou uma mulher em miniatura, essa visão contribui apenas para prejudicar e dificultar o seu desenvolvimento natural. O educador precisa entender a criança em si mesma e se esforçar para afastar dela todo e qualquer tipo de ideias e sentimentos que possam prejudicar o seu desenvolvimento; a educação não pode impedir, em hipótese alguma, que a criança viva a sua condição de forma plena. Se a intenção é formar o ser humano verdadeiramente, o educador precisa entender que esse ser humano precisa passar pela infância antes de se tornar um adulto; longe dessa visão, dificilmente a educação atingirá o seu verdadeiro objetivo.

referências

ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, Aldo. **História da pedagogia.** Lisboa: Livros Horizontes, 1957.

CERIZARA, Beatriz. **Rousseau**: a educação na infância. São Paulo: Scipione, 2001.

DENT, Nicholas. *Dicionário Rousseau.* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

EBY, Frederick. **História da educação moderna**: teoria, organização e práticas educacionais (séc. XVI – séc. XX). Trad. Maria Angela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia e Malvina Cohen Zaide. Editora Globo: Porto Alegre. 1962.

FRANÇA, Sirlene Carvalho Rocha. **Educação lúdica:** perspectiva para uma aprendizagem mais agradável. Iracê: Itacaiúnas, 2016.

MANACORDA, Mario. **História da educação:** da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2010.

NISKIER, Arnaldo. **Filosofia da educação:** uma visão crítica. São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Zilma de Morais Ramos de. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

PAPPAS, Nickolas. **A república de Platão.** Trad. Abllio Queiroz. Lisboa: Edições 70, 1996.

PLATÃO. **A república**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação.** Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Trad. Fernando Lopes Graça. Lisboa: Portugália, 1964.

SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau.** Trad. Hélio Magri Filho. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SOËTARD, Michel. **Jean-Jacques Rousseau.** Trad. Verone Lane Rodrigues Doliveira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010. (Coleção Educadores).

STRECK, Danilo. **Rousseau e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VICENTE, José João Neves Barbosa. Educação no Emílio de Rousseau. **Revista Espaço Acadêmico**, n.150, p.54-62, 2013.

VICENTE, José João Neves Barbosa. A educação como desafio e crítica à cultura. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, n.19, p.151-158, 2016.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **Pensando a educação com Sócrates, Platão e Rousseau.** Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016a.

WILLIAMS, David Lay. **Rousseau's Platonic Enlightenment.** University Park: Pennsylvania State University Press, 2007.

WOKLER, Robert. **Rousseau**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.